

## ENSAIOS DE COMPARATISMO NA IMPRENSA ACADÊMICA PAULISTANA

(1847-1863): ENTRE INVENTAR E NEGAR O/UM PASSADO

*ESSAYS OF COMPARATIVISM IN SÃO PAULO ACADEMIC PRESS (1847-1863):*

*BETWEEN DENYING AND INVENTING THE/A PAST*

Natália Gonçalves de Souza Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo discute três maneiras de se responder à tensão entre interno e externo na constituição da literatura brasileira. As respostas a uma questão cara à nossa intelectualidade oitocentista foram extraídas da crítica literária publicada em dois periódicos produzidos na Faculdade de Direito de São Paulo. São eles os Ensaios literários (1847-1850) e os Ensaios literários do Ateneu Paulistano (1852-1863). Parte-se da hipótese de que as primeiras teorias comparatistas que vicejavam na Europa, na primeira metade do século XIX, contribuíram para a diversificação dos debates travados pelos críticos acadêmicos. Isso ocasionou maneiras diferentes de se pensar nosso passado literário em função da literatura brasileira que se queria erigir.

**Palavras-chave:** Crítica literária. Periodismo cultural. Romantismo. Nacionalismo. Literatura comparada.

**Abstract:** This article discusses three ways to answer the tension between domestic and foreign affairs in the constitution of Brazilian literature. The answers to a worthwhile question to our nineteenth-century intellectuality have been extracted from literary criticism published in two newspapers produced in São Paulo Law College. They are Ensaios literários (1847-1850) and Ensaios literários do Ateneu Paulistano (1852-1863). It is assumed that the first widespread comparative theories in Europe, in the early 19th century, contributed to diversifying the debate promoted by scholars-critics. This implied different ways of thinking about our literary heritage in face of the Brazilian literature that we want to build.

**Keywords:** Literary criticism. Literary press. Romanticism. Nationalism. Compared literature.

### Introdução

Em uma entrevista recente, Earl Fitz, da Vanderbilt University (EUA), afirmou que “Brazilians are natural comparatists” (FITZ, 2022, p. 104).<sup>2</sup> A frase vem a ser o título do texto e, para ilustrá-la, o brasilianista explica que os escritores e críticos brasileiros sempre estiveram conscientes, para serem jogadores na partida global, da necessidade de se medir a partir dos termos de outros sistemas de valores.

Nesse quesito, o modernismo brasileiro seria da maior importância, opinião destacada também pelo comparatista David Damrosch. Para ele, de acordo com o entrevistado, nosso

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada, professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. Projeto de Pesquisa: Caminhos do Comparatismo nas folhas acadêmicas da São Paulo oitocentista: vozes dissonantes, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais (FAPEMIG), contando com a colaboração dos bolsistas Luis Otávio Rocha Nascimento e Anna Giulia Cardoso Grossi.

<sup>2</sup> “os brasileiros são comparatistas natos” (tradução nossa).

modernismo é citado “as a prime example of how a modern nation successfully circulates its writers and literature throughout the global system”. Apesar de concordar com Damrosch no que tange à visão integrativa e sintética do modernismo brasileiro, Fitz destaca que “the tradition from which it comes had been in active existence for generations. Brazilians are natural comparatists”<sup>3</sup> (FITZ, 2022, p. 104).

De fato, o nosso pendor comparatista vem sendo sublinhado há tempos e por críticos de amplo reconhecimento, caso de Antonio Candido que, num pequeno e conhecido artigo publicado em 1993, repete a seguinte sentença proferida por ele mesmo, muito antes: “estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada” (1993, p. 211). Embora não houvesse um contexto formal de comparatismo, o crítico elenca várias ocorrências da prática, a começar pelos tempos do romantismo, quando se pode encontrar uma abundância de traduções, epígrafes e citações de autores estrangeiros pelos nossos, sugerindo um “sentimento confortante de parentesco” (CANDIDO, 1993, p. 211), uma vez que essa proximidade indicava o nosso contato com literaturas consagradas, de tradição mais longa.

O presente artigo pretende discutir justamente esse primeiro momento de comparatismo informal, ocorrido no século XIX, que pode ser identificado como espécie de antecessor da visão integrativa e sintética ostentada pelos modernistas da qual nos falou Fitz na citação anterior. Ao lado das “aproximações reconfortantes”, busca-se evidenciar a existência de diferentes nuances comparatistas, encontradas na produção crítica de dois periódicos produzidos na Faculdade de Direito de São Paulo, entre os anos de 1847 e 1863: os *Ensaio literários*: jornal de uma associação de acadêmicos e os *Ensaio literários do Ateneu Paulistano*.

A leitura dos artigos aí publicados e que podem ser alinhados ao que se considera como crítica literária permite sugerir que quanto mais embasados pelos nascentes estudos de literaturas estrangeiras, ancestrais da literatura comparada, que chegavam à intelectualidade brasileira por meio de veículos de comunicação importantes, como a *Revue de deux mondes* e a *Revue de Paris*, mais as reflexões críticas apresentavam um viés comparatista menos intuitivo e mais propenso à integração do outro, característica hoje valorizada, conforme visto na entrevista anteriormente citada. Em outros momentos, nota-se que o forte discurso nacionalista fazia com que a ação de se observar por meio de termos alheios, algo que talvez

---

<sup>3</sup> “um excelente exemplo de como uma nação moderna circula com sucesso seus escritores e literatura por todo o sistema global” e “a tradição da qual isso vem teve ativa existência ao longo de gerações. Os brasileiros são comparatistas natos.” (traduções nossas)

fosse menos incômodo à geração modernista, ocasionava um mal-estar entre os articulistas, ciosos de afirmar nossa originalidade e insubmissão ao estrangeiro, atitudes tão caras ao espírito de libertação do Romantismo.

A fim de discutir essas questões, proponho o seguinte percurso: em primeiro lugar, cumpre arrolar algumas pretensões dos estudos de literaturas estrangeiras, a fim de compreender o que se almejava em termos de comparatismo e, posteriormente, pensar essa prática dentro da crítica acadêmica paulista. Em seguida, passo a uma breve apresentação dos dois periódicos escolhidos para análise, procurando indicar como eles se relacionam com as preocupações mais gerais da literatura e da crítica literária brasileira de meados do século XIX. A partir desses dois momentos de contextualização, é possível passar à discussão da reflexão crítica produzida pelos acadêmicos da dita segunda geração romântica e, de forma mais pontual, às três atitudes comparatistas localizadas ali. Importa destacar que essas atitudes retomam de forma distinta nosso passado literário, modelando-o conforme o projeto de construção da literatura brasileira encampado pelo autor do artigo em questão.

### **Primeira seção**

As breves considerações aqui levantadas em torno dos estudos realizados pelas cátedras de literaturas estrangeiras, sobretudo as francesas, na primeira metade do século XIX, têm por base o trabalho de Michel Espagne. Em sua pesquisa, o autor deslinda o processo de criação das referidas cátedras até a sua desativação, no final dos oitocentos, e divisão em disciplinas mais específicas, como história da literatura e literatura comparada. De toda essa extensa pesquisa, retomo aquilo que ilumina a minha hipótese de que a presença desses discursos comparatistas, mesmo que de maneira incipiente, possibilitou a pluralização do debate midiático em relação à questão central da crítica romântica brasileira no século XIX que era, como se sabe, a constituição da nossa nacionalidade literária. Ou seja, tais discursos poderiam contribuir na formulação das respostas para questões cadentes daquele momento, acerca de como deveria ser a literatura brasileira, o que poderia ser considerado como literatura nacional – que implica, necessariamente, a localização de um marco temporal para o início das letras pátrias, perguntas que, evidentemente, não mobilizavam apenas os jovens acadêmicos, mas toda a intelectualidade local.

A análise das respostas dadas pelos acadêmicos a esse conjunto de questões permite também compreender até que ponto a nossa segunda geração romântica conseguiu se afastar criticamente da geração dita indianista. Esse afastamento, de um ponto de vista da produção literária, pode ser considerado mais acentuado, como demonstram as icônicas produções de

cunho byroniano no que tange à poesia e a prosa ficcional, sinalizadoras de um descompasso na proposta de construção monolítica do nosso cânone.

No entanto, da perspectiva da crítica literária, os escritos ali produzidos são, em geral, interpretados como sendo mais uma continuidade do que uma ruptura, como bem atesta a colocação de Afrânio Coutinho, sobre outra das associações estudantis, o Ensaio Filosófico Paulistano: “toda a tônica doutrinária do Ensaio Filosófico é essa preocupação nacional seja na poesia, seja no teatro, pela voz de diversos de seus membros e colaboradores” (1968, p. 89). Procuo pensar até que ponto essa preocupação pode ser distribuída em diferentes caminhos, talvez desviantes do projeto literário de cunho localista.

Para essa pluralização, os estudos de literaturas estrangeiras interessam justamente porque, pela primeira vez de forma sistemática, colocam em cena o outro e a forma de se relacionar com ele para poder compreender a si próprio. A moderna crítica literária e os estudos de literaturas estrangeiras emergem, conforme Espagne, na passagem do século XVIII para o XIX, da desagregação dos parâmetros centralizadores ditados pelas poéticas clássicas (1993, p. 14). Nesse sentido, devem encarar o desafio de lidar com as diferenças existentes entre diferentes culturas, mais acentuadas devido às transformações econômicas, políticas e científicas, que colocaram a possibilidade de um mundo interligado.

Tais cátedras, oficializadas na universidade francesa, a partir do decênio de 1830, foram sensíveis a essa problemática. É possível compreender a seguinte passagem do discurso de posse de Edgar Quinet, nomeado ao posto de professor de literaturas meridionais na Faculdade de Lyon, em 1839, como ensejo de se alinhar a uma espécie de vetor centrípeto, impulsionado pela relativização do gosto literário:

*Si l'alliance des peuples repose sur l'union de leurs esprits, si, en apprenant à se connaître, ils apprennent à se respecter, à s'aimer mutuellement; si détruire parmi eux un préjugé, c'est détruire une inimitié, et avec elle une cause de violence et d'oppression pour tous, il faut considérer l'établissement des chaires de littératures étrangères comme une institution libérale par sa nature même; et pour ma part, je declare obéir en ce moment à mes convictions les plus vives, lorsque je viens servir ici d'organe à une pensée qui a fait jusqu'à ce jour l'une des occupations les plus constantes de ma vie et comme ma religion littéraire et politique, je veux dire l'unité des lettres et la fraternité des peuples modernes. (APUD GUSDORF, 1993, p. 310, grifos nossos)<sup>4</sup>*

---

<sup>4</sup> Se a *aliança dos povos* repousa na *união de seus espíritos*, se, a se conhecer, eles aprendem a se respeitar, a se amar mutuamente; se destruir entre eles um preconceito é destruir uma inimizade, e com ela uma causa de violência e de opressão para todos, é preciso considerar o estabelecimento das cátedras de literaturas estrangeiras como uma instituição liberal por sua própria natureza; e, da minha parte, eu declaro obedecer neste momento às minhas mais vivas convicções, no momento em que eu venho aqui servir como veículo para um pensamento que até o presente teve uma das presenças mais constantes da minha vida e, como minha religião literária e política, eu quero declarar a *unidade das letras e a fraternidade dos povos modernos*. (tradução e grifos nossos)

O fragmento evidencia a preocupação do professor em estreitar os laços entre diferentes povos, numa tentativa de harmonização por meio do conhecimento e do entendimento mútuo das diferenças entre as culturas. Simultaneamente, parece atento em contornar as fraturas advindas da obliteração do gosto clássico em favor da consideração de um horizonte cultural específico para a análise das obras, manifesto pelo emprego de vocábulos como ‘aliança’, ‘união’ e ‘unidade’. Esses dois eixos evidenciam o contexto delicado de institucionalização desses estudos, premidos entre fortes tendências de interiorização, próprias de movimentos de formação dos estados nacionais, caso do Brasil, e da impossibilidade do isolamento, por fatores econômicos e/ou sociais, haja vista o fato do autor mencionar o lastro liberal que ampara a constituição desses estudos.

Essa condição se reflete nos instrumentos frequentemente empregados nesse gênero de pesquisa. Segundo Michel Espagne, eles são três, provenientes sobretudo da Alemanha, mais interessada do que a França em desenvolver um arcabouço teórico que não se pautasse nas poéticas clássicas, evidenciando, assim, uma pluralidade de tradições e de passados não homogeneizados pelos classicismos. Trata-se da filologia comparada, do historicismo e da teoria dos espíritos nacionais (1993, p. 10), que acabam por se impactar mutuamente. Essa interdependência se torna mais evidente no que refere à filologia, base do comparatismo naquele momento, e responsável por trazer à tona traços então desconhecidos acerca dos parentescos linguísticos existentes no continente europeu. De acordo com Anne-Marie Thiesse quando, precisamente, “les nations du vieux continent se découvrent soeurs” (1999, p. 178),<sup>5</sup> considerando-se a descoberta de um substrato linguístico comum, o tronco indo-europeu, irrompe também um enorme ensejo de conhecer e reforçar como cada nação se diferenciou a partir dessa origem comum, implicando igualmente mensurar quais empréstimos linguísticos e, extensivamente, culturais existiram entre elas e quais prevaleceram, como a emular uma espécie de balança comercial, à maneira do liberalismo econômico que vicejava naquele momento. Dessa forma, o comparatismo nasce, institucionalmente, sobre uma lâmina afiada, equilibrando-se entre nacionalismo e alteridade.

A tentativa ou não de se equilibrar em relação a um desses polos dependerá de uma série de fatores, quase sempre ideológicos, variáveis ao longo do tempo. De todo modo, o paradigma de observação do estrangeiro não esmoreceu. Assim, desde Goethe e sua noção de “literatura mundo”, ou no cosmopolitismo de Mme. de Stäel, chegando aos professores de literaturas estrangeiras que muito se valeram das reflexões desses autores, e a massiva

---

<sup>5</sup> as nações do velho continente se descobrem irmãs. (tradução nossa)

publicação dos estudos produzidos por essas cátedras nas páginas das revistas culturais daquele momento, que lhe proporcionaram divulgação em larga escala, vai se delineando o seguinte panorama, no dizer de George Gusdorf, “à Cosmópolis intelectual sem fronteiras, à Europa da homogeneidade, sucede uma Europa das fronteiras e das diferenças” (1993, p. 290).

### Segunda seção

Este artigo, recorte de um projeto mais amplo,<sup>6</sup> debruça-se sobre um *corpus* de 35 periódicos, produzidos na Faculdade de Direito de São Paulo, entre os anos de 1847 e 1869. A escolha dos dois títulos ora discutidos, *Ensaio literário* e *Ensaio literário do Ateneu Paulistano*, deve-se a razões cronológicas, sendo o primeiro um marco da retomada editorial na Academia, depois do encerramento da Sociedade Filomática (1833). E, a razões de pretensa continuidade, tendo o segundo se reivindicado como espécie de continuador do primeiro, embora, como salienta Hélder Garmes, “a matéria publicada nos *Ensaio Literário do Ateneu Paulistano* [privilegie] disciplinas jurídicas e sociais, com um pequeno espaço reservado para a literatura, situação exatamente contrária à dos *Ensaio literário*” (2006, p. 38).

Além disso, como observa o estudioso, os títulos dessas duas publicações, assim como outra sua contemporânea, a *Revista mensal do Ensaio Filosófico Paulistano*, sugerem “uma espécie de ‘família’ dentro do publicismo estudantil, que será referência para todas as outras associações e publicações vindouras” (GARMES, 2006, p. 37). Essa atitude revela o desejo de se destacar e de alcançar nomeada na academia, uma vez que entre os fins das décadas de 1840 e 1860, intervalo temporal que corresponde, aproximadamente, ao que se convencionou chamar de segunda geração romântica vicejou, na então Faculdade de Ciências Sociais e Jurídicas do Largo de São Francisco, em São Paulo, uma significativa quantidade de periódicos, grande parte deles tendo uma circulação restrita e uma curta existência. Alguns dos quais eram gerenciados por associações estudantis, caso dos dois aqui enfocados, outros, de iniciativa individual.

Suas pretensões podem ser entrevistas em editoriais, discursos proferidos em ocasiões solenes das associações e/ou da vida acadêmica, bem como pelos subtítulos usualmente empregados. Como explica Garmes, eles se alinham a um ensejo iluminista, abarcando uma

---

<sup>6</sup> Projeto de Pesquisa: Caminhos do Comparatismo nas folhas acadêmicas da São Paulo oitocentista: vozes dissonantes, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

ampla gama de saberes, sob a égide dos adjetivos ‘acadêmico’, que indica o *ethos* do jornal, ‘científico’ e ‘literário’:

o termo ‘científico’ abarcando disciplinas como a matemática, a física, a biologia, a mineralogia, e também a história, a filosofia ou a política (lembramos que a academia denominava-se Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo) e o termo ‘literário’ referindo-se à oratória, à narrativa de ficção e à poesia em geral. (GARMES, 2006, p. 12 e 13)

O objetivo civilizatório, bastante conveniente à nação recém-independente e ao próprio ambiente acadêmico, mesclava-se ao da formação mais específica do bacharel em Direito naquele momento. Conforme nos explica Sérgio Adorno:

A vida acadêmica não apenas possibilitou o aparecimento dos primeiros advogados da causa democrática, das liberdades civis e políticas, do abolicionismo e do republicanismo, como também consistiu num importante veículo de institucionalização da estética literária. [...]. A vida acadêmica proporcionou, por assim dizer, um espaço social institucionalizado, porém aberto, de participação e de lutas políticas, as quais se expressaram no teatro, na literatura e, sobretudo, no jornalismo. (ADORNO, 2021, p. 178).

Diante das condições precárias do ensino jurídico propriamente dito, esmiuçadas por Adorno no seu clássico estudo, o espaço da imprensa se tornava tão formativo quanto o da sala de aula, se não, superava-o. A fim de ilustrar a importância desse lugar com um testemunho da época, transcrevo passagem do “Relatório que ao *Ateneu Paulistano* apresentou o 1º secretário Luiz Joaquim Duque-Estrada Teixeira, na sessão magna de 26 de julho de 1857”, publicado nos *Ensaios literários do Ateneu Paulistano*:

Louvores àqueles distintos acadêmicos que seguindo as vozes de suas almas generosas, determinaram a fundação destas associações, que franqueando-nos uma tribuna que nos amestra nas discussões, e convidando-nos à redação de jornais em que publicamos as primeiras tentativas de nossas inteligências juvenis, facilitaram-nos a aquisição da eloquência, ‘essa poesia da palavra’, como diz Paignon [...] (TEIXEIRA, 1857, v. 3, p. 376)

Trata-se, como se vê, do aprendizado da eloquência, característica básica da cultura bacharelesca.

Os relatórios, tal qual o de Duque-Estrada Texeira, e os discursos são registros importantes da vida acadêmica e associativa nutrida no seio da Faculdade de Direito de São Paulo, em meados dos oitocentos, e apresentam as lutas políticas das quais nos fala Adorno e o sentimento de missão, da qual trata Antonio Candido, na *Formação da literatura brasileira* (2006). Tal é o que se pode ver no seguinte trecho do “Discurso recitado na sessão inaugural do Ateneu Paulistano” por Duarte de Azevedo:

Já creio, senhores, que vai longe de nós esse espírito mesquinho e acanhado da nossa primeira civilização: parece que o sol ardente da América tem por fim retemperado esses corações que se haviam gelado com o frio de além-mar. Começamos a

compreender que *somos outro povo*, que a nós cabia a realização do nosso destino, que *o nosso nome não se ligava à nacionalidade alguma estrangeira*. Mas para o conservar ileso, senhores, é mister que nunca esmoreçamos, que sustentemos a nossa posição de guardas avançadas do progresso, para que a posteridade, folheando o livro do passado, diga de nós: - cumpriram ao menos a sua *missão* [...]. (AZEVEDO, v. 2, p. 34-35, 1852, grifos nossos)

A passagem remete à tensão entre o interno e o externo presente na constituição da nossa identidade. Não por acaso recitado no dia sete de setembro, o discurso de Duarte de Azevedo procura consolidar a nossa independência, entendendo-a como espécie de ruptura com outros povos e, conseqüentemente, suas culturas e seu passados, um afastamento que é acalentado pela própria condição tropical do país. Essa distinção se faz importante não apenas para o presente, mas também para as futuras gerações que considerarem os esforços feitos pelos que ora se sentavam nos bancos acadêmicos em São Paulo. Mas a questão do “outro” não é tão simples de ser ultrapassada e nem foi pensada da mesma maneira no interior dessas várias associações, que tinham como compromisso básico fomentar a construção da nova civilização brasileira.

A referida dualidade pode ser entrevista na leitura dos periódicos produzidos pelos críticos acadêmicos na Faculdade de Direito de São Paulo e, embora haja predominância do localismo – ao menos, quando se considera os periódicos até o momento compulsados, o cosmopolitismo também se faz presente.

### Terceira seção

No que tange à crítica literária *tout court* que é, conforme Roberto Acízelo de Souza, constituída de “trabalhos dedicados à apreciação de obras ou escritores específicos, modalidade que, por sua vez, comporta diversas gradações, segundo o investimento analítico maior ou menor” (2013, p. 15), foram encontrados 11 artigos, que podem ser observados no quadro.

Periódico	Artigo
<i>Ensaaios literários. Jornal de uma associação de acadêmicos</i> (1847-1850)	<ul style="list-style-type: none"><li>- Reflexões sobre a poesia brasileira, de Bernardo Guimarães;</li><li>- O estilo na literatura brasileira, de José de Alencar.</li> <li>- Breves considerações sobre o romance, de Almeida Pereira;</li><li>- Alfredo de Musset: Jacques Rolla, de Álvares de Azevedo.</li></ul>

<p><i>Ensaio Literários do Ateneu Paulistano</i> (1852-1863)</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Considerações sobre a atualidade da nossa literatura, de Macedo Soares;</li><li>- <i>Cantos da Solidão</i> (impressões de leitura), de Macedo Soares;</li><li>- Um tipo literário brasileiro, de Ferreira Dias;</li><li>- <i>História geral do Brasil</i> por Francisco Adolpho de Varnhagen, de Homem de Melo;</li> <li>- Bibliografia e crítica literária: <i>Tipos da atualidade</i> - comédia por J. J. França Junior - 1862. - <i>O arrependimento</i> - romance por S. da Rocha Pombo - 1862. - <i>Gennesco</i>, de Theodomiro Alves Pereira, de Pessanha Póvoa;</li><li>- As letras no Brasil, de Ferreira Dias;</li><li>- Autenticidade dos poemas de Ossian, de José da Silva Costa.</li></ul>
------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Por meio dos títulos arrolados e ainda na esteira de Souza, cumpre destacar o auxílio de disciplinas auxiliares, que atuam conjuntamente à crítica, caso da história literária, parceira considerável na conformação oitocentista dos estudos literários (SOUZA, 2013, p. 14). Essa se faz mais presente em artigos que se propõem a tecer painéis históricos, seja sobre um gênero, o romance, por exemplo, ou sobre a evolução da nossa literatura. Ademais, conforme as preocupações do articulista e o próprio objetivo geral do artigo, a reflexão pode ser de um “analitismo tangente a zero”, caso de um certo tipo de comentário acerca da publicação de novas obras, elogios fúnebres, ocasiões comemorativas etc. E, numa outra ponta, pode trazer critérios mais específicos de análise, aplicados a um objeto particular. Esses critérios poderiam misturar elementos da estética, na qual a crítica foi buscar noções vagas de ‘gosto’ e ‘beleza’, da história literária, a ‘cor local’, e dos princípios básicos do romantismo, “a autenticidade emocional”, além de resquícios retórico-poéticos, como “considerações microanalíticas sobre métrica e estilo (SOUZA, 2013, p. 16).

A propósito, vale dizer que a literatura era matéria não apenas de crítica literária, mas aparecia de maneira pontual, mas não menos enfática em discursos e relatórios, os quais preferi não listar aqui. Outro ponto é o que seria alvo da crítica literária, uma vez que a aceção de literatura poderia ter um senso mais amplo. Dessa forma, a recepção negativa que se estampa nas páginas dos *Ensaio literários do Ateneu Paulistano* acerca da *História Geral do Brasil* (1854) do Varnhagen, aparece como ‘notícia literária’, embora, atualmente, o texto não seria considerado do mesmo modo.

Observando os artigos dos dois periódicos por outro prisma, aquele colocado por Garmes, no estudo que realiza sobre a crítica literária nos *Ensaio literários*, é possível perceber também nos *Ensaio literários do Ateneu Paulistano*, a possibilidade de se constituir dois grandes blocos analíticos, os quais foram aplicados no presente quadro. O primeiro, mais numeroso no segundo jornal, é dedicado a discutir a produção literária, o estilo, as escolhas estéticas sob o viés da construção da identidade literária, levando essa preocupação à critério analítico fundamental. Já o segundo, está mais preocupado com questões de fundo puramente estético ou, ao menos, não pautadas nos aspectos da brasilidade no que tange à literatura. Tal preocupação não é trazida à baila para comentar as obras.

Já quanto à perspectiva de se ensaiar uma atitude comparatista, interesse principal desta análise, foi possível entrever três posturas básicas, nem sempre bem discerníveis, mas que podem sugerir nuances na forma de se conceber a relação com o outro, isto é, com as literaturas estrangeiras. Chamo-as de negação, de igualdade e de integração. Vale dizer que elas nem sempre se pautam no cotejo entre a nossa literatura e as outras, mas, essa relação pode ser pensada em função de diferentes literaturas, o que evidencia a condição de intercâmbio pautada pelas cátedras já mencionadas.

A primeira dessas três posturas comparatistas pode ser relacionada com o que dizia, no seu discurso, Duarte de Azevedo acerca da ruptura dos elos com outros povos. Essa postura parece pressupor justamente a supressão do outro a fim de se constituir uma literatura totalmente baseada em elementos nacionais, a natureza, o índio, um suposto passado exclusivamente nacional. Dentre os artigos lidos nesses dois periódicos, essa visão é encampada não só, mas sobretudo por Bernardo Guimarães e Macedo Soares. A diferença de dez anos entre uma publicação e outra não arrefeceu o ímpeto de busca pela nacionalidade, pelo contrário: em Macedo Soares, vê-se até sua intensificação.

Em “Reflexões sobre a poesia brasileira”, publicado de forma seriada, entre 1847 e 1850, nos *Ensaio literários*, Bernardo Guimarães comenta obras que, a seu ver, contribuíram ou não para a formação de uma literatura verdadeira brasileira. Assim, apesar de valorizar a iniciativa, considera que os *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, perfazem um verdadeiro desserviço às nossas letras:

Entretanto indiferentes às inspirações de nosso céu formoso e radiante, às lembranças deste solo rico de tradições e saudosas reminiscência dessas tribos mais ferozes, que as dos vândalos, desdenhando as cenas majestosas, que a natureza opulenta desenhou nestas plagas vamos embalar-nos nos acentos dessa harmonia vaga e mal-ouvida, que vinda dum mundo estranho ecoa desfigurada em nossas margens.

A poesia francesa simpatiza ainda menos com o nosso caráter do que o gosto português que antes nos dominava; introduzida pelo Sr. Magalhães enraizou-se profundamente entre nós e os primeiros ensaios de originalidade que pareciam ir preparando uma época brilhante para a poesia nacional sofreram um golpe mortal com a aparição dos *Suspiros poéticos e saudades*. (GUIMARÃES, 1847, v. 1, p. 15)

Se Macedo Soares continua com a ideia de que os poetas devem voltar-se à cor local, despindo-se de “*estranhos andrajos e falsos atavios*” (SOARES, 1857, v. 3, p. 397 v. 3, grifos nossos), é interessante pontuar que, ao seu ver, o próprio Bernardo Guimarães não teria aderido a essa proposta, não podendo ser considerado um poeta “verdadeiramente nacional”. Essa consideração advém sobretudo dos laivos byronianos, egóticos que o crítico entreve nos *Cantos da Solidão* (1852) e pontua que, “infelizmente hoje [...] os poetas, salvo raras exceções, ocupam-se só consigo, e tal egoísmo não lhes deixa um momento para se dedicarem à pátria.” (SOARES, 1857, v. 3, p. 387).

Essa série de exclusões fazem pensar que não é tão simples, portanto, encontrar-se a si mesmo negando o outro.

Uma outra possibilidade entrevista na leitura dos artigos dos dois periódicos admite que, no processo de cotejo com outras literaturas, a nossa já se encontraria no mesmo nível de grandes clássicos ocidentais e, em algumas ocasiões, chega a lhes exceder em qualidade. Postura ufanista, ela procura supervalorizar a produção nacional, objetivando, possivelmente, diminuir o recurso à imitação estrangeira. Ideia que a liga, de certa maneira, à primeira postura comparatista. Para tanto, é preciso recorrer às obras de nosso passado colonial, uma vez que a consideração exclusiva das obras do pós-independência não seriam suficientes para essa equiparação. Nesse sentido, diferentemente de um Macedo Soares, por exemplo, que demarca o início de nossas letras com a publicação dos *Primeiros Cantos* (1846), de Gonçalves Dias, esses outros críticos consideram o século XVIII como parte do processo de autonomização de nossas letras.

Ferreira Dias, mais um dos acadêmicos que se dedica momentaneamente às atividades da erudição literária, na análise que faz d’*O Uruguai* (1769), de Basílio da Gama, serve-me de exemplo para essa segunda postura. No artigo intitulado “Um tipo literário”, Dias enfoca o guerreiro Cepé, um dos protagonistas indígenas dessa obra, ao lado de Cacambo. Depois de equiparar Cepé a Aquiles, por exemplo, dada a sua importância bélica, ou aos trágicos gregos, tendo em vista a força e majestade de seus discursos, Dias conclui:

O vigor da imaginação do nosso poeta neste lugar é incontestável. [...] que originalidade! Oh! Já não é permitido, depois que Basílio da Gama compôs o seu *Uruguay* [sic], tratar os brasileiros de imitadores, e copiadores da literatura europeia. Não falando do poema em si, que é certamente uma

criação que honra a musa brasileira, bastava somente a maravilhosa concepção e o desenho feliz dessa magnífica figura de Cepé para imortalizar o exímio poeta. (1857, v. 4, p. 444.)

É certo que o poema de Basílio da Gama apresenta grande qualidade e tem despertado vívidas recepções, desde a sua publicação, até à contemporaneidade.<sup>7</sup> No entanto, o desejo de equiparar a outras grandes obras da literatura ocidental sugere mais o desejo de se voltar para a literatura colonial como fonte do nosso passado literário, atestando a nossa origem unívoca e dispensando-nos da necessidade de recorrer ao estrangeiro do que uma leitura justa da obra em si.

Tanto na primeira postura comparatista arrolada, que pressupõe a negação do outro, quanto na segunda, que manifesta uma igualdade com o outro mais na tentativa de sobrepujar-lhe do que de se aproximar dele, encontram-se, de certa forma, atitudes intuitivas. O ato de se comparar se faz necessário por uma demanda pautada pelo nacionalismo literário e nosso inegável grau de parentesco com as literaturas europeias parece mais incomodar do que impulsionar uma integração.

No terceiro caso trazido à discussão entrevê-se uma postura que, ao promover a comparação, admite a presença do outro na constituição do nacional, entendendo-a como natural e necessária. Ao promoverem essa mirada, esse conjunto de cinco artigos parece se aproximar de uma vertente dos outrora nascentes discursos comparatistas, uma vez que eles podem ser entendidos como propulsores desse processo de criação mais plural, que entrevê certo hibridismo tanto na nossa quanto nas literaturas ditas matriciais. São eles “Breves considerações sobre o romance”, de Almeida Pereira (1847) e “Alfredo de Musset: Jacques Rolla”, de Álvares de Azevedo (1850), ambos publicados nos *Ensaios literários*. Já nos *Ensaios literários do Ateneu paulistano* localizei “As letras no Brasil”, de Ferreira Dias (1857); “Autenticidade dos poemas de Ossian”, de José da Silva Costa (1861) e “Bibliografia e crítica literária”, de Pessanha Póvoa (1862). Com relação a esse último, localizei apenas as duas primeiras partes do artigo, tendo a última restado apenas como projeto do articulista ou publicada em edições não preservadas do jornal.

É importante pontuar que nem todos os artigos se posicionam da mesma forma diante da heterogeneidade cultural na constituição da nossa literatura, da maneira como nossos autores poderiam lidar com isso e nem o grau de adesão a tais possibilidades de intercâmbio é o mesmo. Pessanha Póvoa, por exemplo, ao analisar a peça *Tipos da atualidade* de França

---

<sup>7</sup> É interessante destacar o recente dossiê, lançado em comemoração dos 250 anos de *O Uruguay* (2021). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa>. Acesso em 21/06/2022.

Junior, vale-se de critérios poéticos e estilísticos para comentar a obra, entrevendo os seus pontos altos não na observação de um quadro especificamente brasileiro, mas na observância dos procedimentos do gênero cômico, que requerem um olhar crítico à sociedade. Apesar de se preocupar com a valorização dos autores nacionais e de fazer uma ressalva ao intenso consumo das obras europeias em solo pátrio, reconhece que isso é devido ao estado ainda embrionário de nossa literatura. Esse estado faz com que ele sugira ao jovem colega: “França Junior se não abandonar seus estudos, se quiser ser útil ao seu país, se estudar o Teatro e quiser escrever poderá ainda na sociedade brasileira apresentar, com pouca inferioridade, os continuadores do *Misanthropo*” (PÓVOA, v. 12, p. 203, 1862). Se o cálculo pressupõe, ainda como Ferreira Dias, a superioridade ou inferioridade em relação à Europa, é um fato que o estudo do Teatro, numa acepção ampla, depende da leitura de obras externas à literatura pátria.

Já Almeida Pereira, ao trazer apontamentos gerais sobre o gênero romance, elenca o motivo indígena como um entre outros aos quais o aspirante a romancista poderia se ater a fim de produzir uma obra. Embora dedique um extenso e belo parágrafo à “cabana do índio”, ao “canto do prisioneiro, que desafia à cólera do inimigo”, à “tez morena da filha do deserto”, à “nudez do filho do Tamoio” (PEREIRA, v. 2, p. 5 e 6, 1847), eles não são nem a primeira temática a ser sugerida e nem a mais importante. Ao lado dela, encontram-se as mais diversas situações, contemporâneas ou não, que podem servir de insumo à criação. Sendo o gênero tributário de aspectos como tempo e espaço, que especificam as personagens e ressaltam a verossimilhança, o romance coloca ao seu cultor uma

árdua e difícil [...] tarefa: ele precisa colocar-se no lugar, em que acha-se sua personagem, necessita falar a sua linguagem, sentir os seus sentimentos, adotar seus costumes e prejuízos, viver na mesma época e no mesmo país, deixar-se dominar pelos mesmos objetos que lhe fazem impressão, precisa representar todos os papeis, a tudo assinar o que é próprio e adequado. (PEREIRA, v. 2, p. 7, 1847)

A fim de bem executar essa tarefa, Almeida Pereira, como se vê, não assume compromissos localistas, anteveendo o fato de que o romancista deve servir-se de uma vasta herança literária e cultural. O romance, portanto, seria gênero apropriado não apenas ao registro, mas à diversificação das experiências do passado e do presente.

Na análise/tradução do poema “Rolla” (1833), de Alfred de Musset, feita por Álvares de Azevedo, encontro a mais pungente aceitação da imitação e/ou da influência como algo fundamental ao processo de criação literária, que em nada diminui a originalidade do artista

ou sua nacionalidade literária. Dessa forma, ao lermos Musset, encontramos resquícios de Byron e, indo mais longe, das literaturas gregas, uma vez que o *lord* inglês era versado nelas. Assim, esse processo de transmissão apenas enriquece o produto final que é o poema “Rolla”. Não é sem razão que Azevedo é o único, dentre esses três exemplos arrolados, a citar explicitamente os professores de literaturas estrangeiras franceses, como Xavier Marmier, Edgar Quinet e Jean-Jacques Ampère. E isso não se dá apenas nesse artigo, mas ao longo de todos os seus estudos literários.

Por fim, atenho-me ao artigo “As letras no Brasil”, do mesmo Ferreira Dias analista d’*O Uruguai*, de Basílio da Gama. Publicado na mesma edição dos *Ensaaios literários do Ateneu Paulistano*, de 1857, Dias apresenta aí uma nuance em relação à sua outra contribuição no que tange à dinâmica do interno e do externo na composição da literatura, embora se possa inferir que, com esses dois artigos, ele pretendesse compor um mesmo e único painel reflexivo sobre a literatura brasileira, englobando o século XVIII e o XIX. Como se sabe, era comum utilizar a perspectiva histórica numa visada evolutiva, assim, não raro, os estudiosos elencavam a sua linha histórica evolutiva aqueles autores que contribuísem para evidenciar a concretização de um espírito nacional, cuja principal manifestação era a ostentação das cores locais. Ao discorrer acerca dos esforços necessários para a renovação literária, Ferreira Dias afirma ser necessário a existência de gênios, argumento condizente com a perspectiva romântica. Na Alemanha e na França, ele localiza a presença de importantes escritores responsáveis pela revitalização das letras pátrias em momentos de crise.

É nesse momento que o crítico fornece dois exemplos da maior importância para a presente discussão: Goethe, escritor responsável por “naturalizar no seu país as puras formas gregas” (DIAS, v. 4, p. 381, 1857), e Mme. de Stäel que, intrépida, cruzou o Reno e “abriu as portas da pátria de Goethe ao espírito francês, introduzindo assim nas veias da França um sangue novo”. (DIAS, v. 4, p. 382, 1857). Ou seja, reconhece-se aí a importância do externo para a revitalização de uma dada literatura nacional, mesmo que ela já tenha atrás de si uma longa tradição, aliás, a pluralidade de tendências que desenbocam numa determinada cultura para fortalecer as suas bases culturais é, justamente, uma das marcas da sua longevidade.

Acredito, portanto, que não é fortuita a evocação desses dois importantes *passseurs culturels* e que são precursores dos estudos comparatistas. A Goethe, como se sabe, é atribuída a criação da noção de *Weltliteratur* que, a princípio, indica um “intercâmbio entre literaturas de várias localidades”. Porém, conforme explica Brito Junior, ela pode ser entendida de uma forma mais abrangente, como se indicasse uma

determinada ‘idade’ da literatura, em que os intercâmbios se tornaram mais intensos, dentro das relações estabelecidas no comércio entre as nações. Isso quer dizer que a Literatura Mundial prevê um momento de amplificação do contato, sem necessariamente significar a dissolução das nacionalidades, e sem, portanto, significar necessariamente uma ideia de colonização ou imperialismo (2019, p. 8).

A preservação da diferença dentro de uma perspectiva de contato também pode ser entrevista na visão staëliana do cosmopolitismo. Ao discutir o cosmopolitismo proposto por Mme. de Staël, Pierre Macharey pontua que, assim como outros contemporâneos alemães, ela não estaria interessada na definição de uma teoria sobre a cultura nacional num sentido estrito, e sim, na definição de uma relação cultural existente entre diferentes povos. Nesse quadro, um produto cultural não deveria ser visto como algo pronto, fechado, mas colocado em perspectiva, resultando disso o traço nacional. Assim, de acordo com Macharey,

Il n’y a d’identité culturelle qu’à l’intérieur du rapport culturel qui rassemble toutes les cultures en les opposant entre elles. De ce point de vue, *la contradiction entre l’universalisme classique et le particularisme romantique doit être surmontée*, puisqu’il est tout aussi illusoire d’affirmer l’autonomie radicale de chaque forme de culture que de les confondre toutes à l’intérieur d’une même modèl idéal qui les coupe de leur enracinement, une culture n’existe jamais par elle-même, mais elle se constitue et se fait reconnaître à l’intérieur du système collectif différencié, où toutes les cultures se répondent en se contestant, et se complètent, non en additionnant leurs acquis respectifs, mais en comparant leurs lacunes et leurs défauts. (1988, p. 425, e grifos nossos).<sup>8</sup>

Conhecendo ou não a dimensão total das propostas de Goethe e Staël, é certo que Ferreira Dias reconhecia neles uma negação ao isolamento cultural. É sob essa perspectiva, portanto, que ele delineia um cânone mais integrativo do que propuseram, por exemplo, Bernardo Guimarães e Macedo Soares, a partir do que entrevista nas letras brasileiras de então. Ao arrolar os nomes dos escritores nacionais que julga contribuir para o cenário local, Ferreira Dias cita Gonçalves Dias e seus poemas “de cores tão americanas”, mas também Álvares de Azevedo e toda a sua inspiração trazida pelos “ventos fortes do Norte da Europa” (1857, v. 4, p. 383).

Convém dizer que Dias elenca ao rol de escritores pátrios Gonçalves de Magalhães – que havia sido excluído por Bernardo Guimarães, devido aos francesismos contidos nos *Suspiros poéticos e saudades*, e também Bernardo Guimarães, o qual por sua vez, havia sido

---

<sup>8</sup> Há identidade cultural apenas no âmbito da relação cultural que reúne todas as culturas, opondo-as entre elas. Desse ponto de vista, *a contradição entre o universalismo clássico e o particularismo romântico* deve ser superada, porque é completamente ilusório tanto afirmar a autonomia radical de cada forma de cultura quanto confundir todas dentro de um mesmo modelo ideal que as isole de suas raízes; uma cultura jamais existe por si mesma, ela se constitui e se faz reconhecer no âmbito de um sistema coletivo diferenciado, onde todas as culturas dialogam, à medida em que se contestam, e se completam, não ao agregar as suas respectivas aquisições, mas ao comparar as suas lacunas e os seus defeitos. (tradução e grifos nossos)

excluído por Macedo Soares, sob a acusação de byronismo. Tais exclusões devem ser reputadas a uma ideia monolítica do que deveria ser a literatura brasileira, que não conseguia ser executada a contento nem pelos seus próprios defensores.

O crítico não caracteriza, nem por meio de breves epítetos, as obras desses escritores outrora banidos, detendo-se, com maior empenho nas poesias americanas de Gonçalves Dias ou no *Colombo*, de Araújo Porto Alegre. No entanto, sua versão de cânone é a mais plural desse conjunto de artigos, traço motivado, entre outros possíveis fatores, pelos influxos de Goethe e Staël. Ademais, ao concluir o seu trabalho, afirma que os brasileiros têm interesses literários, sabendo “compreender e apreciar Homero e Dante, Platão e Descartes, Buonaroti e Raphael, Haydn e Rossini, Phidias e Cellini” (DIAS, 1857, v. 3, p. 385), o que sugere a abertura ao estrangeiro e sua necessidade no processo de amadurecimento do rol de escritores brasileiros por ele citados.

### **Considerações finais**

O comparatismo inicialmente perpetrado pelas cátedras de literaturas estrangeiras promove um descentramento em relação às origens culturais até então ostentadas por países relevantes dentro da dinâmica oitocentista. A descoberta do tronco linguístico indo-europeu, para além de acalorados debates em torno de um berço, de uma língua e de um povo conquistador original, debate este que se estende até a contemporaneidade (DEMOULE, 2014), deu margem, nas melhores hipóteses, à pluralização dos passados e a proposição de estudos que buscassem averiguar as diferentes intersecções linguísticas e, conseqüentemente, literárias entre as nações outrora em processo de constituição.

Se mesmo tradições literárias secularmente instituídas enfrentaram incertezas e visualizaram parentescos inauditos, é de se inferir que tais discussões, ao aportarem num país bastante heterogêneo pudessem causar algum impacto. É essa recepção que se pretendeu analisar aqui, não se restringindo à menção direta a estudos e autores imediatamente ligados às cátedras de literaturas estrangeiras, mas admitindo que seu suporte de divulgação, as revistas europeias de cultura, como *Revue des deux mondes*, potencializavam sua massiva circulação, surtindo um efeito na conformação de diferentes maneiras de se relacionar com o externo. Dessa forma, acredito que a leitura desses estudos pode ter contribuído para a diversificação do debate literário romântico em São Paulo que, paulatinamente, abriram espaço para visões mais integrativas da literatura brasileira, encetadas no início do século XX.

## Referências

- ADORNO, Sergio. *Os Aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2021.
- AZEVEDO, Álvares de. Alfredo de Musset: Jacques Rolla. *Ensaaios literários*, s/n, p. 5-9, 1850.
- AZEVEDO, Duarte de. Discurso recitado na sessão inaugural do Ateneu Paulistano. *Ensaaios literários do Ateneu Paulistano*, v. 2, p. 33-35, 1852.
- BRITO JUNIOR, Antonio Barros de. Cultura, literatura e nação: a Literatura Comparada e a promoção do nacionalismo. *SEDA*, v. 4, n. 10, p. 4-28, 21 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.revistaseda.org/index.php/seda/article/view/72>> Acesso: 28 jun. 2022.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira : momentos decisivos (1750-1880)*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- \_\_\_\_\_. Literatura comparada. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 211-215.
- COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada: o espírito de nacionalidade na crítica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- Demoule, Jean-Paul. *Mais où sont-il passés les indo-européens? Le mythe d'origine de l'Occident*. Paris, Seuil, 2014.
- DIAS, Ferreira. As letras no Brasil. *Ensaaios literários do Ateneu Paulistano*, v. 4, p. 379-385, 1857.
- \_\_\_\_\_. Um tipo literário. *Ensaaios literários do Ateneu Paulistano*, v. 4, p. 436-445, 1857.
- ESPAGNE, Michel. *Le paradigme de l'étranger : les chaires de littérature étrangère au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: CERF, 1993.
- FITZ, Earl E. Brazilians are natural comparatists. *Revista da ABRALIC*, v. 24, n. 45, p. 102-111, jan. 2022. Disponível em: <<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/759>> Acesso: 28 jun. 2022.
- GARMES, Hélder. *O romantismo paulista: Os Ensaaios Literários e o periodismo acadêmico de 1833 a 1860*. São Paulo: Alameda, 2006.
- GUIMARÃES, Bernardo. Reflexões sobre a poesia brasileira. *Ensaaios literários*, s. 1, v. 1, p. 13-15, 1847.
- GUSDORF, Georges. *Le romantisme I: le savoir romantique*. Paris: Payot & Rivages, 1993.
- Macharey, Pierre. "Culture nationale et culture cosmopolite chez Mme. de Staël". In: Espagne, Michel & WERNER, Michael. *Transferts: Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand (XVIII<sup>e</sup> et XIX<sup>e</sup> siècle)*. Paris, Editions Recherches, 1988.
- PEREIRA, Almeida. Breve considerações sobre o romance. *Ensaaios literários*, s. 1, v. 2, p. 3-7, 1847.
- PÓVOA, Pessanha. Tipos da atualidade - comédia por J. J. França Junior – 1862. *Ensaaios literários do Ateneu Paulistano*, v. 12, p.227-232, 1862.
- SOARES, Macedo. Cantos da Solidão: impressões de leitura. *Ensaaios literários do Ateneu paulistano*, v. 3, p. 386-391, 1857.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a atualidade de nossa literatura. *Ensaaios literários do Ateneu paulistano*, v. 3, p. 391-397, 1857.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. A crítica literária no Brasil oitocentista: um panorama. In CORDEIRO et al. (org.). *A crítica literária brasileira em perspectiva*. Cotia: Ateliê Editorial, 2013, p. 13-28.
- TEIXEIRA, Luiz Joaquim Duque-Estrada. Relatório que ao Ateneu Paulistano apresentou o 1º secretário, na sessão magna de 26 de julho de 1857. *Ensaaios literários do Ateneu Paulistano*, v. 3, p. 374-379, 1857.

**SANTOS, Natália Gonçalves de Souza.**

Thiesse, Anne-Marie. *La création des identités nationales : Europe XVIII<sup>e</sup>-XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris, Seuil, 1999.

**Recebido em:** 26/06/2022; **Aceito em:** 07/12/2022